

OURIKA (Claire de Duras)

Tradução e prólogo de Paula Volkart Dutra. Revisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

Lançada em 1823, *Ourika*, de Claire de Duras, é considerada uma das primeiras narrativas francesas a tratar da problemática de raça. Inovadora para sua época, ela traz à tona uma questão que ainda não perdeu sua atualidade e relevância em pleno século XXI. Na voz da personagem que dá nome ao livro, uma mulher negra de origem senegalesa, é narrada uma história de vida marcada pelo racismo e pelas violências dele decorrentes na França do final do século XVIII e início do XIX.

Sendo um relato pessoal e intimista, todavia, não deixa de tratar de uma problemática social. O texto aborda o racismo inerente à sociedade contemporânea à Revolução Francesa — pretensamente justa e livre —, ao mesmo tempo em que desnuda a hipocrisia e o absurdo próprios do preconceito. Socializada como uma nobre e, assim, tendo costumes, capacidades e habilidades iguais às pessoas brancas de mesma classe, Ourika nunca pertencerá a esta em razão da sua cor.

Foi tentando conjugar a especificidade à universalidade deste relato — e, assim, sua diferença à sua afinidade com a realidade brasileira — que traduzi esta obra. Por se tratar da história de uma senegalesa na França do século XVIII e XIX, o leitor brasileiro se depara com uma realidade diversa, com o Outro. Ao mesmo tempo, visto que a obra discute a problemática racial, infelizmente recorrente no Brasil, o leitor identifica semelhanças com a sua realidade sociocultural e pode, então, *se* identificar. Nesse sentido, minha tradução tem como objetivo propiciar a leitura desta história pelo povo brasileiro, de modo que, através do Outro, ele possa também enxergar e refletir sobre si mesmo.

Ourika

Ourika, o texto-fonte para esta tradução, é o disponível em: <<http://www.bmlisieux.com/archives/ourikao1.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

Introdução

Havia chegado há poucos meses de Montpellier e exercia a profissão de médico em Paris quando fui chamado, em uma manhã, ao *faubourg* de Saint-Jacques para atender uma jovem religiosa enferma em um convento. O imperador Napoleão havia permitido fazer pouco a reativação de alguns conventos: aquele ao qual me dirigia era destinado à educação da juventude e pertencia às Irmãs Ursulinas. A revolução havia destruído uma parte do edifício: o claustro estava parcialmente descoberto pela demolição da antiga igreja, da qual apareciam apenas alguns arcos. Uma irmã levou-me ao claustro, e nós o atravessamos e caminhamos sobre as pedras lisas que formavam o pavimento das galerias. Eu percebi, então, que eram túmulos, pois todos possuíam inscrições, a maioria delas apagadas pelo tempo.

— Algumas dessas pedras foram quebradas durante a Revolução de 1789, observou a irmã, dizendo-me que ainda não tinham tido tempo de consertá-las.

Eu nunca havia visto antes o interior de um convento, e esse espetáculo era completamente novo para mim. Do claustro, passamos para o jardim, onde se encontrava a irmã doente, informou-me a religiosa. De fato, eu a vi na extremidade de uma longa alameda de arbustos. Ela estava sentada, e seu longo véu negro a envolvia praticamente inteira.

— O médico chegou — disse a irmã, e se afastou imediatamente.

Eu me aproximei timidamente, meu coração estava apertado pela visão daqueles túmulos e imaginava que contemplaria uma nova vítima dos claustros. Os preconceitos de minha juventude acabavam de vir à tona, e meu interesse por quem viera visitar aumentava na mesma proporção do infortúnio que eu dela supunha. Ela se virou para mim, e eu fiquei admiravelmente surpreendido ao me deparar com uma negra. Meu espanto aumentou ainda mais pela forma educada como me recebeu e pelas expressões que empregou:

— O senhor veio visitar uma pessoa bem enferma. Atualmente desejo me curar, mas eu nem sempre o quis e talvez foi isso que me fez tão mal.

Eu lhe perguntei sobre sua doença:

— Sinto uma opressão contínua — disse ela —, não tenho mais sono, e a febre não me abandona.

Seu aspecto, sem dúvida, confirmava essa triste descrição de seu estado: a magreza era excessiva, os olhos brilhantes e muito grandes, os dentes, de um branco resplandecente, bastavam para iluminar sua fisionomia. A alma ainda vivia, mas o corpo estava destruído e apresentava todas as marcas de uma longa e violenta tristeza. Profundamente tocado, resolvi

tentar de tudo para salvá-la. Comecei falando da necessidade de acalmar a imaginação, de se distrair, de afastar os pensamentos ruins.

— Eu estou feliz, jamais senti tanta calma e felicidade — disse-me ela. O tom de sua voz era sincero, essa voz doce era incapaz de enganar, mas minha surpresa crescia a cada instante.

— A senhora não pensou sempre assim e carrega a cicatriz de sofrimentos bem longos — disse-lhe.

— É verdade, eu encontrei muito tarde a tranquilidade de espírito, mas atualmente estou feliz.

— Pois bem! Se é assim, é o passado que se deve curar. Tomara que tenhamos êxito. Mas esse passado, não posso curá-lo sem conhecê-lo.

— Misericórdia! São loucuras! — respondeu ela.

Ao pronunciar essas palavras, seus olhos ficaram marejados.

— E você diz que está feliz! — exclamei.

— Sim, estou — respondeu ela sem hesitar –, e não trocarei minha felicidade pelo destino que outrora tanto desejei. Eu não guardo nenhum segredo: minha infelicidade é a história de toda minha vida. Sofri tanto até o dia em que entrei nesta casa que pouco a pouco minha saúde se deteriorou. Eu me via minguar com satisfação, pois não enxergava no futuro nenhuma esperança. Esse pensamento era digno de culpa! Como o senhor vê, fui castigada: quando finalmente quero viver, talvez não possa mais.

Eu a tranquilizei, dei-lhe esperanças de cura próxima. Mas, ao dizer essas palavras de consolo, prometendo-lhe a vida, não sei que triste pressentimento me avisava que era tarde demais e que a morte já havia marcado sua vítima.

Encontrei diversas vezes essa jovem religiosa. Meu interesse pareceu tocá-la. Um dia, ela própria abordou o assunto sobre o qual eu gostaria que ela falasse.

— As tristezas que vivi devem parecer tão estranhas que sempre senti uma grande repugnância em confiá-las: não há nenhum juiz da dor dos outros, e os confidentes são quase sempre acusadores.

— Não tema isso de mim — disse-lhe –, vejo bem o dano que a tristeza lhe causou, não duvido da sua sinceridade.

— Ela lhe parecerá sincera, mas também insensata.

— Supondo que a senhora esteja certa — continuei –, não é possível que eu me compadeça?

— É muito provável — respondeu ela –, contudo, se, para me curar o senhor precisa conhecer as dores que destruíram minha saúde, eu as contarei quando nos conhecermos um pouco mais.

Eu fiz visitas cada vez mais frequentes ao convento. O tratamento que prescrevi pareceu produzir algum efeito. Enfim, em um dia do último verão, ao encontrá-la sozinha no mesmo local, no mesmo banco onde eu a vira pela primeira vez, nós retomamos a conversa anterior, e ela me contou o que segue.

Ourika

Fui trazida do Senegal com dois anos de idade pelo governador, Cavaleiro de B.. Ele se apiedou de mim quando viu escravos embarcarem em um navio negreiro que ia em seguida deixar o porto: minha mãe morrera, e levavam-me para a embarcação, apesar de meus gritos. Senhor de B. comprou-me e, ao chegar à França, entregou-me à sua tia, Senhora de B., a pessoa mais amável naquela época e aquela capaz de conjugar as qualidades mais elevadas à mais tocante bondade.

Salvar-me da escravidão e escolher a Senhora de B. como minha benfeitora era dar-me duas vezes a vida: fui ingrata com a Providência ao não ser feliz. Mas será a felicidade sempre fruto da inteligência? Eu tendo a crer mais no contrário: o preço da graça de saber é o desejo de ignorar, e o mito não nos diz se Galateia encontrou a felicidade após ter recebido a vida.

Eu conheci muito tempo depois a história dos primeiros dias de minha infância. As minhas memórias mais remotas remetem-me apenas ao salão da Senhora de B. Minha vida se passava ali, amada por ela, acarinhada, presenteada, mimada por todos seus amigos, bajulada e exaltada como a criança mais espirituosa e amável.

O tom dessa sociedade era o entusiasmo, mas um entusiasmo que tinha o bom gosto de excluir tudo o que parecia exagero: elogiava-se tudo que se prestava ao elogio, desculpava-se tudo que se prestava à reprovação e, frequentemente, com um intuito ainda mais amável, transformava-se em qualidades os próprios defeitos. O sucesso encoraja. Perto da Senhora de B., alcançava-se o máximo valor, pois ela dava algo dela a seus amigos sem nem suspeitar: vendo-a, escutando-a, seus amigos acreditavam parecer-se com ela.

Vestida como uma oriental, sentada aos pés da Senhora de B., eu escutava, sem compreender ainda, a conversa dos homens mais distintos daquele tempo. Eu não tinha nada da agitação das crianças. Era pensativa antes de pensar, feliz ao lado da Senhora de B.: amar, para mim, era estar ali, ouvi-la, obedecer-lhe e sobretudo olhá-la. Não desejava nada além disso. Não podia me admirar por viver em meio ao luxo, ser rodeada apenas pelas pessoas mais espirituosas e amáveis, pois não conhecia outra coisa. Mas, sem saber, adquiri uma grande repulsa por tudo que não era esse mundo onde eu vivia. O bom gosto é para a mente aquilo que um bom ouvido é para os sons. Ainda bem pequena, a falta de gosto me feria. Eu o sentia antes de poder defini-lo, e o hábito o tornara necessário para mim. Essa disposição teria sido perigosa se eu tivesse um futuro, mas eu não tinha e nem suspeitava disso.

Cheguei aos doze anos sem ter ideia de que se podia ser feliz de outro modo. Ser negra não me causava incômodo: diziam-me que eu era graciosa. De resto, nada me alertava de que isso era uma desvantagem. Eu quase não via outras crianças, tinha apenas um amigo, e minha cor negra não o impedia de gostar de mim.

Minha benfeitora tinha dois netos de uma filha que havia morrido jovem. Charles, o caçula, era quase da minha idade. Crescemos juntos, ele era meu protetor, conselheiro e amparo em todos meus pequenos erros. Aos sete anos, ele foi para a escola: eu chorei ao me

despedir. Foi o meu primeiro pesar. Eu pensava muito nele, mas quase não o via mais. Ele estudava e eu, de minha parte, aprendia, para agradar a Senhora de B., tudo o que devia constituir uma educação perfeita. Ela quis que eu tivesse todos os talentos: eu era afinada, os professores mais habilidosos exercitaram minha voz; eu gostava de pintar, e um célebre pintor, amigo da Senhora de B., dedicou-se a me ensinar pintura; aprendi inglês, italiano, e a própria Senhora de B. ocupava-se das minhas leituras. Ela guiava minha mente, formava meu juízo: conversando com ela, descobrindo os tesouros de sua alma, eu sentia a minha se elevar, e era a admiração que despertava a minha inteligência. Não previa que, infelizmente, esses agradáveis estudos seriam seguidos por dias tão amargos. Eu só pensava em agradar a Senhora de B. Um sorriso de aprovação em seus lábios era todo o meu futuro.

Contudo, diversas leituras — sobretudo de poetas — começaram a ocupar a minha jovem imaginação. Mas meus pensamentos errantes passeavam ao acaso, sem propósito, sem projeto. Com a confiança da juventude, eu me dizia que a Senhora de B. saberia fazer-me feliz: o carinho que tinha por mim, a vida que eu levava, tudo me fazia insistir no erro e autorizava minha cegueira. Eu lhe darei um exemplo dos cuidados e das regalias que recebia.

O senhor terá dificuldade em crer, vendo-me atualmente, que eu me destacara pela minha elegância e beleza. A Senhora de B. elogiava muito o que chamava de minha graça e queria que eu soubesse dançar perfeitamente. Para enaltecer esse talento, minha benfeitora deu um baile cujo pretexto foram seus netos. O verdadeiro propósito, entretanto, era exhibir meu talento em uma quadrilha das quatro partes do mundo na qual eu deveria representar a África. Consultamos viajantes, folheamos livros de vestimentas, lemos obras eruditas sobre a música africana e, finalmente, escolhemos uma *Comba*, dança nacional de meu país. Meu par colocou um pano sobre o rosto. Infelizmente, não precisei colocar sobre o meu, mas na época não refleti sobre isso. Eu dançava a *Comba* com grande satisfação e fiz todo o sucesso que se pode esperar, considerando que o espetáculo era inédito e a plateia, seleta. Amigos da Senhora de B., a maioria entusiasmava-se comigo e acreditava agradá-la ao exprimir esse sentimento com grande vivacidade. Ademais, a dança era envolvente. Nela se mesclavam gestos e passos precisos. Ali retratávamos o amor, a dor, o triunfo e o desespero. Eu ainda não conhecia nenhum desses violentos movimentos da alma, mas não sei que instinto me fazia adivinhá-los. Por fim, alcancei meu objetivo. Aplaudiram-me, rodearam-me, encheram-me de elogios: esse prazer foi genuíno, nada desestabilizava minha segurança.

Foi poucos dias depois que uma conversa que ouvi por acaso abriu meus olhos e pôs fim à minha juventude.

Havia, no salão da Senhora de B., um grande biombo de laca que encobria uma porta. Mas ele se estendia até bem próximo de uma das janelas e, entre esta e o biombo, ficava uma mesa onde eu às vezes desenhava. Um dia, eu estava terminando com esmero uma miniatura. Compenetrada no trabalho, ficara muito tempo imóvel. Sendo assim, a Senhora de B. acreditava sem dúvida que eu já saíra do aposento quando anunciaram a chegada de uma de suas amigas, a Marquesa de Esta era uma pessoa friamente racional, de pensamento tão categórico e pragmático que beirava a aspereza. Ela era assim quando se tratava de amizade: os sacrifícios nada lhe custavam pelo bem e benefício de seus amigos, mas os fazia pagar caro

por essa dedicação. Inquiridora e difícil, seu grau de devoção igualava-se ao de exigência, e era a amiga menos simpática da Senhora de B. Ela me inspirava medo, embora fosse boa para mim. Mas o era à sua maneira: examinar, até mesmo de modo severo, era, para ela, uma demonstração de interesse. Ai de mim! Estava tão acostumada à benevolência que a justiça me parecia sempre temível.

— Enquanto estamos sozinhas — diz a Senhora de ... à sua anfitriã —, eu gostaria de conversar sobre Ourika consigo: ela está se tornando graciosa, sua personalidade já está formada, ela falará como a senhora, é cheia de talentos, vivaz, espontânea... Mas o que ela se tornará? E, afinal, o que a senhora fará?

— Misericórdia! Penso muito a respeito disso e sempre com tristeza, confesso-lhe. Eu a amo como se fosse minha filha, faria tudo para fazê-la feliz e, contudo, quando penso sobre a sua situação, não vejo solução. Pobre Ourika! Eu a vejo só, eternamente só!

É impossível descrever o efeito que produziram em mim essas poucas palavras. Imediatamente tudo ficou claro: eu vi tudo, eu me vi negra, dependente, menosprezada, desvalida, abandonada, sem um ser de minha espécie a quem unir meu destino, apenas um brinquedo, um divertimento para minha benfeitora, em breve rejeitada por um mundo do qual não fazia parte. Senti uma terrível palpitação, minha visão ficou turva, o batimento do meu coração me tirou por um instante a faculdade de ouvir. Por fim, consegui me recompor o suficiente para acompanhar a continuação da conversa.

— Temo — dizia a Senhora de ... — que a senhora a faça infeliz. Como pretende fazê-la feliz agora que ela passou a vida cercada pelos seus?

— Mas ela aqui permanecerá — disse a Senhora de B.

— Sim, enquanto for uma criança. Mas ela tem 15 anos. Com quem a senhora a casará com a inteligência que ela tem e a educação que a senhora lhe deu? Quem um dia se casaria com uma negra? E se, com o poder do dinheiro, a senhora encontrar alguém que aceite ter filhos negros, será um homem de condição inferior e com o qual ela será infeliz. Ela desejará somente aqueles que não a desejarão.

— Tudo isso é verdade — disse a Senhora de B. —, mas felizmente ela ainda não desconfia disso. Ela tem por mim um apego que a poupará de pensar sobre sua situação por muito tempo, assim espero. Para fazê-la feliz, seria preciso torná-la uma pessoa comum. Sinceramente, creio que isso é impossível. Bem! Talvez ela seja tão distinta que se colocará acima de seu destino, não podendo a ele se submeter.

— A senhora está fantasiando — disse a Senhora de ... — : a filosofia nos coloca acima dos males do destino, mas nada pode contra os males provocados pela subversão da ordem natural. Ourika não seguiu o seu destino: ela entrou na sociedade sem permissão, a sociedade se vingará.

— Certamente, mas ela é inocente desse crime, e a senhora está sendo severa com essa pobre criança.

— Eu, mais do que a senhora, quero o bem dela — replica a Senhora de ... — Eu desejo sua felicidade, e a senhora está desvirtuando-a de seu caminho.

A Senhora de B. respondeu impacientemente, e eu ia ser a causa de um desentendimento entre duas amigas quando anunciaram uma visita. Eu deslizei para trás do biombo, escapei e corri para o meu quarto, onde um mar de lágrimas aliviou por um instante meu pobre coração.

Foi uma grande mudança na minha vida a perda deste prestígio que me envolvia até então! Há ilusões que são como a luz do dia: quando elas se vão, tudo desaparece com elas. Confusa com os novos pensamentos que invadiam minha mente, eu nada encontrava que pudesse me ocupar como antes: era um abismo com todos seus terrores. Esse desprezo que me acompanhava, essa sociedade em que estava deslocada, esse homem que, mediante pagamento, talvez consentisse que seus filhos fossem negros! Todos esses pensamentos apareciam sucessivamente como fantasmas e me perseguiram como fúrias, principalmente o isolamento, essa convicção de estar só, para sempre só, como dissera a Senhora de B. E a todo instante eu repetia para mim mesma: Só! Para sempre só! Ainda na véspera, que importância tinha ser sozinha? Eu ignorava isso, não o percebia, precisava daquilo que amava e não suspeitava que o que eu amava não precisava de mim. Mas, agora, meus olhos estavam abertos, e a infelicidade já fizera crescer em minha alma a desconfiança.

Quando retornei, todos ficaram surpresos com minha mudança. Questionaram-me, eu disse que estava doente, e eles acreditaram. A Senhora de B. mandou chamar Barthez, que me examinou cuidadosamente, mediu meu pulso e disse, de modo brusco, que eu não tinha nada. A Senhora de B. se tranquilizou e ficou tentando me distrair e me divertir. Sinto vergonha de quão ingrata fui com a minha benfeitora, que, naquele momento, tanto me cuidou. Minha alma estava como que fechada em si mesma. As boas ações que recebemos com alegria são aquelas que o coração pode retribuir. O meu estava cheio demais de amargura para isso. Infinitas combinações dos mesmos pensamentos ocupavam todo meu tempo. Eles se reproduziam de mil formas diferentes, minha imaginação os pintava com as cores mais escuras. Frequentemente eu passava noites inteiras chorando. Eu tinha piedade de mim mesma, minha imagem me causava horror. Eu não mais ousava me olhar no espelho. Quando meus olhos miravam minhas mãos negras, acreditava ver as de um macaco. Eu ampliava a minha feiura, e essa cor parecia-me o sinal de minha reprovação. Era ela que me separava de todos os seres de minha espécie, que me condenava a ser só, para sempre só! Jamais amada! Talvez um homem consentisse, por dinheiro, que suas crianças fossem negras! Meu sangue fervia de indignação com esse pensamento. Em um momento, tive a ideia de pedir à Senhora de B. para mandar-me de volta a meu país, mas lá eu também teria ficado isolada. Quem me teria ouvido? Quem me teria entendido? Ai de mim! Eu não pertencia mais a ninguém. Eu não fazia mais parte da raça humana!

Apenas muito tempo depois vi que era possível me resignar a essa sina. A Senhora de B. não era devota. Eu devia a um padre louvável, que me instruíra para a minha primeira comunhão, toda a minha religiosidade. Assim como tudo em mim, ela era sincera, mas não sabia que, para ser útil, a piedade precisa estar presente em todas as ações da vida. A minha ocupara alguns instantes dos meus dias, mas continuava alheia a todo resto. Meu confessor era um santo velhinho sem muitas desconfianças. Eu o via duas ou três vezes por ano e, como

eu não imaginava que tristezas fossem erros, eu não falava delas. Elas pioravam sensivelmente minha saúde. Mas — que estranho! — elas aprimoravam minha mente. Um sábio do Oriente uma vez disse: “O que sabe aquele que não sofreu?”. Dei-me conta de que nada sabia antes de minha infelicidade. Todas as minhas impressões eram sentimentos: eu não julgava, eu amava. Os discursos, as ações, as pessoas agradavam ou desagradavam ao meu coração. Agora, minha mente se separara desses movimentos involuntários: a tristeza é como o distanciamento. É preciso julgar a totalidade dos objetos. Desde que me senti alheia a tudo, eu me tornara mais difícil. Eu examinava, criticando, quase tudo o que até então havia me agradado.

Essa mudança não passou despercebida à Senhora de B. Nunca soube se ela adivinhou a sua causa. Talvez ela temesse exaltar a minha dor de modo que me permitisse confiá-la. Todavia, ela era comigo ainda mais bondosa que de costume. Falava comigo com um completo despreendimento e, para me distrair de minhas tristezas, me ocupava com as suas próprias. Ela entendia meu coração. Eu de fato não podia me ater à vida senão pela ideia de ser necessária ou, ao menos, útil à minha benfeitora. O pensamento que mais me perseguia era que eu estava isolada no mundo e podia morrer sem ninguém se lamentar. Eu era injusta com a Senhora de B. Ela me amava e me provava isso suficientemente. Contudo, ela tinha interesses que vinham antes de mim. Eu não invejava a ternura com que tratava seus netos, sobretudo Charles. Mas eu quisera poder dizer como eles: minha mãe!

Os laços de família, principalmente, suscitavam dolorosas reflexões sobre mim mesma, eu que jamais seria a irmã, a esposa, a mãe de alguém! Imaginava esses laços de forma mais doce do que talvez fossem e negligenciava os que me eram permitidos por não poder alcançar aqueles outros. Eu não tinha nenhum amigo, ninguém tinha minha confiança: a Senhora de B. era para mim mais um objeto de culto do que de afeição. Mas creio que sentia por Charles tudo o que se sente por um irmão.

Ele estava sempre na escola, que ele logo mais deixaria para fazer suas viagens. Ele viajava com seu irmão mais velho e seu preceptor, e eles iriam visitar a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, ausentando-se por dois anos. Charles estava feliz em partir. Eu fiquei aflita só no último momento, pois sua felicidade também era a minha. Eu não lhe disse nada sobre as ideias que tinha. Eu nunca o via sozinho e precisaria muito tempo para lhe explicar meu sofrimento. Eu tenho certeza de que ele me teria compreendido na época. Mas sua disposição à zombaria, apesar do seu ar doce e sério, me deixava tímida. É verdade que ele só zombava da afetação que soava ridícula. Tudo que era sincero o desarmava. Por fim, não lhe disse nada. De resto, sua partida era uma distração, e acredito que fazia bem me angustiar com algo que não fosse minha dor habitual.

Foi pouco tempo depois da partida de Charles que a Revolução adquiriu um caráter mais sério. Eu ouvia falar, o dia todo, no salão da Senhora de B., apenas dos grandes interesses morais e políticos que essa revolução desestabilizou até as raízes. Estes se vinculavam às preocupações das mentes superiores de todos os tempos. Nada expandia e formava tanto minhas opiniões quanto o espetáculo dessa arena, onde homens distintos todo dia questionavam tudo o que acreditávamos ter até então pensado. Eles aprofundavam todos os

assuntos, remontavam às origens de todas as instituições, mas mais frequentemente para abalar todas as estruturas, destruí-las.

O senhor acreditaria se eu lhe dissesse que, jovem como era, alheia a todos os interesses da sociedade e alimentando à parte minha dor secreta, a Revolução causou uma mudança em minhas ideias, fez nascer em meu coração algumas esperanças e, por um instante, suspendeu meus males? Como rapidamente procuramos o que nos possa consolar! Eu então pressenti que, nessa grande desordem, todas as classes misturadas e todos os preconceitos dissipados levariam talvez a um estado de coisas no qual eu seria menos estranha. Se eu tivesse alguma superioridade de alma, alguma qualidade escondida, gostariam de mim, visto que minha cor não mais me isolaria do mundo como ela havia feito até então. Mas aconteceu que justamente essas minhas qualidades logo se opuseram à minha ilusão: eu não pude por muito tempo desejar tanto mal em troca de tão pouco bem pessoal. Por outro lado, dava-me conta de quão ridículos eram esses personagens que queriam comandar os eventos. Eu julgava a pequenez de seus caracteres, adivinhava seus pensamentos secretos. Logo sua falsa filantropia parou de me enganar, e eu não tive mais esperança ao ver que restaria ainda muito desprezo por mim em meio a tantos adversários. Eu, contudo, ainda me interessava por essas discussões calorosas. Mas elas não tardaram em perder o seu charme. O tempo não era mais aquele em que só se procurava agradar, nem aquele em que a primeira condição para ter sucesso era deixar de lado o seu amor próprio: quando a revolução parou de ser uma bela teoria e afetou os interesses íntimos de cada um, as conversas tornaram-se disputa, e a acidez, a amargura e os individualismos tomaram o lugar da razão. Às vezes, apesar de minha tristeza, eu me divertia com todas essas violentas opiniões, que, no fundo, quase não passavam de pretensões, afetações ou medos. Mas o divertimento fruto da observação do ridículo não faz bem. Ele é maldoso demais para alegrar o coração, que só se agrada com prazeres inocentes. Nós podemos nos divertir com o deboche e continuar infelizes. Talvez a infelicidade torne isso ainda mais possível de acontecer, pois a amargura de que a alma se alimenta é a mesma que nutre esse triste prazer.

Rapidamente destruída, a esperança que a revolução havia inspirado em mim não mudara a situação de minha alma. Ainda descontente com a minha sina, minhas tristezas eram atenuadas somente pela confiança e pelas bondades da Senhora de B. De vez em quando, em meio a essas conversas políticas cujos ânimos ela não conseguia controlar, ela me dirigia um olhar triste: esse olhar era um bálsamo para o meu coração. Ela parecia me dizer: Ourika, só você me entende!

Começaram a falar da liberdade dos negros. Era impossível não me sentir profundamente tocada por esse assunto. Era uma ilusão que eu amava alimentar ainda: que, em outro lugar, ao menos, eu tinha semelhantes. Como eram infelizes, eu os via como bons e me interessava pelo seu destino. Infelizmente, fui prontamente desiludida. Os massacres de

São Domingos⁵ me causaram uma nova dor, dilacerante. Até então, estava aflita por pertencer a uma raça excluída. Agora, envergonhada por pertencer a uma raça de bárbaros e assassinos.

A Revolução, contudo, evoluía rapidamente. Assustavam-se ao ver os homens mais violentos conquistar todos os espaços. Logo pareceu que esses homens estavam decididos a nada respeitar. Os terríveis 20 de junho e 10 de agosto prepararam-nos para tudo. O que restava da sociedade da Senhora de B. dispersou-se nessa época. Uns fugiam das perseguições partindo para o exterior, outros escolhiam o esconderijo ou o isolamento no interior. A Senhora de B. não fez uma coisa nem outra. Ela estava atrelada a sua casa, pois ali seu coração estava sempre ocupado. Permaneceu perto de um túmulo e de uma memória.

Nós vivemos na solidão durante alguns meses, quando, no fim de 1792, foi decretado o confisco dos bens dos emigrados. Em meio a essa tragédia, a Senhora de B. não teria perdido sua fortuna se esta pertencesse a seus netos. Mas, graças à partilha da herança, ela tinha apenas seu usufruto. Decidiu então que Charles, o mais jovem dos dois irmãos, voltaria, e o mais velho, de cerca de 20 anos de idade, serviria ao exército dos emigrados. Eles se encontravam na Itália e estavam terminando essa grande viagem, iniciada há dois anos em circunstâncias bem diferentes. Charles chegou a Paris no início de fevereiro de 1793, pouco tempo após a morte do rei Luís XVI.

Esse grande crime foi, para Senhora de B., a dor mais violenta que sentira. Ela se entregou totalmente, mesmo sua alma sendo forte o suficiente para mostrar o horror do crime aos próprios criminosos. Na velhice, as grandes dores apresentam algo surpreendente: a autoridade da razão. A Senhora de B. sofria com toda a força de seu caráter. Sua saúde foi afetada, mas eu não acreditava que era possível consolá-la ou, mesmo, distraí-la. Eu chorava, me ligava a seus sentimentos, tentava elevar minha alma para aproximá-la da sua e sofrer pelo menos tanto quanto ela, com ela.

Eu quase não pensava nas minhas dores durante o período do Terror. Eu teria sentido vergonha de sofrer por elas em meio a esses grandes infortúnios. Além disso, não me sentia mais isolada visto que todo mundo estava infeliz. A opinião é como uma pátria: é um bem que aproveitamos em conjunto. Somos irmãos para defendê-la e lutar por ela. Às vezes, pensava comigo mesma que eu, pobre negra, me unia a todas as almas elevadas pela necessidade de justiça que compartilhávamos. O dia do triunfo da virtude e da verdade seria um dia de glória tanto para mim quanto para elas. Mas, infelizmente, esse dia estava bem longe.

Assim que Charles chegou, a Senhora de B. partiu para o campo. Todos os seus amigos haviam se escondido ou fugido. Sua sociedade se limitava praticamente a um velho abade que eu escutava, todos os dias, há dez anos, fazer troça da religião e que, naquele momento, estava irritado por terem vendido os bens do clero, o que o fez perder 20 mil libras. Esse abade veio conosco para Saint-Germain. Sua presença era doce, ou melhor, tranquila, porque sua calma

⁵ N. da T. Revolta de São Domingos (1791–1804), também conhecida como Revolução Haitiana, foi uma grande rebelião de escravos e negros libertos que aconteceu na colônia francesa de São Domingos, levando à eliminação da escravidão e à independência do Haiti.

não tinha nenhuma doçura: era mais fruto da sua forma de pensar do que de sua paz de espírito.

Durante toda a sua vida, a Senhora B. estivera na posição de prestar ajuda: enquanto o Senhor de Choiseul era ministro do governo, ela pode, junto a ele, ser útil a muitas pessoas. Dois dos homens mais influentes durante o Terror estavam em dívida com a Senhora de B. Eles se lembraram disso e demonstraram gratidão. Velando sempre por ela, não permitiram que ela fosse pega. Arriscaram suas vidas diversas vezes para protegê-la do furor revolucionário, pois, devemos salientar, nessa época funesta, nem os próprios chefes dos partidos mais violentos podiam fazer o bem sem correr perigo. Parecia que, nessa terra desolada, só se podia reinar através do mal, visto que apenas ele concedia ou retirava poder. A Senhora de B. não foi presa. Ela ficou protegida em sua casa, utilizando como pretexto seu frágil estado de saúde. Charles, o abade e eu ficamos com ela, prestando-lhe todos os cuidados.

Nada traduz o nosso estado de ansiedade e terror durante aqueles dias, lendo nos jornais, todas as noites, a condenação e a morte dos amigos de Senhora de B. e temendo a todo instante que seus protetores não mais pudessem livrá-la da mesma sina. Soubemos que ela estava de fato prestes a sucumbir quando a morte de Robespierre pôs fim a tanto horror. Respiramos. Os guardas deixaram a casa da Senhora de B., e ficamos nós quatro na mesma solidão, como se fica, imagino, após uma grande calamidade de que se escapa em conjunto. Parecia que, por conta da infelicidade, os laços haviam se estreitado. Ao menos, nesse momento, não me sentia uma estrangeira.

Se conheci alguns instantes de felicidade em minha vida após perder as ilusões de minha infância, foi na época posterior a esses tempos difíceis. A Senhora de B. tinha mais do que ninguém aquilo de mais bonito da vida interior: indulgente e fácil, podíamos dizer tudo diante dela. Ela sabia decifrar o que de fato queria dizer aquilo que tínhamos dito. Nunca uma interpretação severa ou infiel vinha quebrar a confiança: os pensamentos passavam por aquilo que valiam, e não éramos responsáveis por nada. Essa qualidade bastaria para fazer os amigos da Senhora de B. felizes, caso fosse sua única qualidade. Mas ela tinha tantas outras ainda! Sua conversa nunca era vazia ou entediante. Tudo lhe servia de alimento. Futilidade nas pessoas comuns, o interesse pelas pequenas coisas é fonte de deleite quando se está com uma pessoa distinta. É próprio das mentes superiores criar algo a partir do nada. A ideia mais comum tornava-se fecunda se ela saísse da boca da Senhora de B. Sua mente e sua razão sabiam pintá-la de mil cores novas.

O caráter de Charles se parecia com o da Senhora de B., assim como sua mente. Ela era como a mente da Senhora de B. deveria ter sido: justa, decidida, aberta, mas sem reparos. A juventude não os conhece: para ela, tudo está bem ou tudo está mal, enquanto o inconveniente da velhice é, muitas vezes, achar que nada está totalmente bem nem totalmente mal. Charles tinha as duas belas paixões de sua idade, a justiça e a verdade. Como eu disse, ele odiava o menor sinal de afetação. Ele tinha o defeito de, por vezes, vê-la onde não existia. Normalmente contido, era uma honra ter sua confiança. Via-se que ele a dava como fruto de sua estima e não por ser uma inclinação sua. Tudo com que ele concordava tinha valor,

porque quase nada nele era involuntário; contudo, tudo era natural. Ele contava tanto comigo que não existia um pensamento que ele não me dissesse em seguida. À noite, sentados à mesa, as conversas eram infinitas. O velho abade ali ficava. Ele correlacionara tão bem falsas ideias e as defendia com tanta boa-fé que era uma fonte inesgotável de diversão para Senhora de B. Seu espírito justo e iluminado explicitava, de maneira admirável, os absurdos do pobre abade, que nunca se irritava. Ela organizava todas as ideias com tanta destreza e precisão, que essas mais pareciam os grandes golpes de espada de Roland ou Carlos Magno.

A Senhora de B. amava caminhar. Ela passeava todas as manhãs na floresta de Saint-Germain de braços dados com o abade. Charles e eu a acompanhávamos de longe. Esse era o momento em que ele me falava de tudo que o ocupava, seus projetos, suas esperanças, suas ideias sobre tudo, as coisas, os homens e os acontecimentos. Ele não me escondia nada e sabia que o que me falava eram confidências. Depois de tanto tempo que contava comigo, que minha amizade era para ele como sua vida, ele aproveitava dela sem nem perceber, não me demandava nem interesse nem atenção. Ele sabia muito bem que, me falando dele, ele me falava de mim, e que eu era mais *ele* do que ele mesmo: o encanto de uma confiança tal é que você pode substituir tudo, até mesmo a felicidade!

Nunca pensava em falar para Charles o que me fizera sofrer tanto. Eu o escutava, e essas conversas exerciam sobre mim não sei que efeito mágico que me levava a esquecer minhas dores. Se ele tivesse me perguntado, eu teria me lembrado e, assim, lhe dito tudo. Ele, porém, não imaginava que eu também tinha um segredo. Estavam acostumados a me ver adoentada. A Senhora de B. fazia tanto pela minha felicidade que ela devia crer que eu era feliz. “Eu deveria ter sido”, dizia-me com frequência, me acusando de louca ou ingrata. Não sei se teria coragem de confessar até que ponto esse mal irremediável da minha cor me fazia infeliz. É humilhante não saber se submeter à necessidade. Além disso, quando essas dores tomam conta da alma, vêm como uma espécie de desespero. O que também me intimidava em Charles era esse aspecto um pouco rígido de suas ideias. Em uma noite, conversávamos sobre a piedade e nos perguntávamos se o que despertava mais interesse na tristeza eram seus resultados ou suas causas. Charles defendeu que seria a causa. Ele pensava, desse modo, que seria necessário que todas as dores fossem racionais. Mas quem é capaz de dizer o que é a razão? Ela é igual para todo mundo? Todos os corações têm as mesmas necessidades? E a infelicidade não seria a privação das necessidades do coração?

Entretanto, era raro que nossas conversas noturnas me remetessem de tal forma a mim mesma. Esforcei-me para pensar o menos possível nisso. Havia retirado do meu quarto todos os espelhos, sempre vestia luvas, minhas roupas escondiam o pescoço e os braços e, para sair, usava um grande chapéu com um véu, com o qual costumava ficar mesmo em casa. Misericórdia! Eu enganava assim a mim mesma. Assim como as crianças, fechava os olhos e acreditava que ninguém me via.

No final do ano de 1795, o Terror chegou ao fim, e começaram então os reencontros. Os remanescentes da sociedade da Senhora de B. reuniram-se em torno dela, e eu vi com pesar seu círculo de amigos aumentar. Meu lugar no mundo era tão fictício que, quanto mais a sociedade voltava à sua ordem natural, mais excluída eu me sentia. Cada vez que eu via

chegarem à casa da Senhora de B. pessoas que ainda não haviam vindo, era um novo tormento para mim. A expressão de surpresa misturada com desdém que eu observava em suas faces começou a me incomodar. Estava certa de que logo mais seria assunto de uma conversa secreta na janela ou, então, de um comentário em voz baixa, visto que era preciso explicar como admitiam uma negra na sociedade íntima da Senhora de B. Esses esclarecimentos eram um martírio para mim. Teria preferido ser levada para minha pátria bárbara, em meio aos selvagens que ali moram. Eu teria menos a temer do que nessa sociedade cruel, que me tornava responsável pelo mal que ela mesma me fizera. A lembrança dessa fisionomia de desdém continuou a me perseguir dias depois. Eu a via em sonho, eu a via a cada instante. Ela ficava em minha frente, como minha própria imagem. Por Deus! Era fisionomia dos meus pesadelos que estava me atormentando! Você ainda não tinha me ensinado, ó meu Deus, a exorcizar os fantasmas. Eu ainda não sabia que só existia sossego em você.

Naquele momento, era no coração de Charles que procurava abrigo. Eu me orgulhava de sua amizade e mais ainda de suas virtudes. Eu o admirava como o que eu conhecia de mais perfeito na terra. Outrora, acreditara amar Charles como um irmão. Contudo, desde que começou meu sofrimento, tinha a impressão de ter envelhecido e de que a minha ternura por ele mais parecia a de uma mãe. De fato, só uma mãe podia querer tanto sua felicidade, seu sucesso. Eu teria dado a minha vida para poupá-lo de um sofrimento que fosse. Percebia muito antes dele a impressão que ele produzia nos outros. Ele era feliz o suficiente para não se preocupar com isso. Era muito simples: ele não tinha nada a temer, nada lhe deu essa inquietude que eu habitualmente tinha em relação ao pensamento alheio. Tudo era harmonia em seu destino; no meu, conflito.

Em uma manhã, um velho amigo da Senhora de B. veio visitá-la. Estava incumbido de fazer uma proposta de casamento a Charles. Senhorita de Thémynes tinha se tornado, de uma maneira bem cruel, uma rica herdeira. Ela perdeu toda sua família, que fora condenada à morte. Restou-lhe apenas uma tia-avó, outrora religiosa, que, se tornando tutora da Senhora de Thémynes, tomou como dever casá-la e queria fazê-lo rapidamente, porque, tendo mais de 45 anos, temia morrer e deixar sua sobrinha sozinha e desamparada. Senhorita de Thémynes reunia todos os privilégios de berço, fortuna e educação. Ela tinha 16 anos e era bela como o dia, não se podia negar. A Senhora de B. falou com Charles, que a princípio se assustou um pouco com a ideia de se casar tão jovem. Mas, logo depois, quis ver Senhorita de Thémynes. O encontro aconteceu e, então, ele não mais hesitou. Anais de Thémynes de fato tinha tudo o que podia agradar a Charles: era bela sem nem mesmo perceber; tinha uma modéstia tão tranquila que se via quão espontânea era essa linda virtude. Senhorita de Thémynes permitiu que Charles a visitasse, e não demorou para que eles se apaixonassem perdidamente. Ele me contava a evolução de seus sentimentos. Eu estava impaciente para ver essa bela Anais, eleita a fazer Charles feliz. Enfim, ela veio à Saint-Germain. Charles havia falado de mim. Em sua presença, não precisei suportar o olhar desdenhoso e inquisidor que me fazia tão mal. Ela tinha um ar bondoso como um anjo. Eu lhe garanti que seria feliz com Charles e a tranquilizei sobre sua idade, lhe dizendo que com 21 anos ele já era muito maduro.

Eu respondi a todas as suas perguntas. Ela me fez muitas, porque sabia que eu conhecia Charles desde sua infância e, para mim, era tão agradável falar bem dele que não parei mais.

Os preparativos atrasaram algumas semanas a conclusão do casamento. Charles continuava a visitá-la e, muitas vezes, ficava em Paris dois ou três dias seguidos. Sua ausência me afligia, e eu ficava orgulhosa de mim mesma ao ver que preferia a minha felicidade à de Charles. Não era dessa forma que costumava amar. Os dias em que ele retornava eram dias de festa. Ele me contava o que havia feito e se havia conquistado mais o coração de Anaïs. Eu compartilhava da sua alegria. Um dia, contudo, ele me falou como queria viver com ela:

— Quero conquistar toda a sua confiança e lhe dar toda a minha. Não esconderei nada, ela saberá todos os meus pensamentos, conhecerá todos os movimentos secretos de meu coração. Quero que eu e ela tenhamos uma confiança como a nossa, Ourika.

Como a nossa! Essa palavra me fez mal, lembrou-me de que Charles não sabia o único segredo de minha vida e me tirou o desejo de dizê-lo. Pouco a pouco, as ausências de Charles tornaram-se mais longas. Ele ficava pouquíssimo tempo em Saint-Germain. Ele vinha a cavalo para que a viagem demorasse menos tempo. Depois do jantar, ele voltava à Paris, de modo que sempre passávamos as noites sem ele. A Senhora de B. debochava muito dessas longas ausências. Queria eu ter feito como ela! Um dia, caminhávamos pela floresta. Charles não havia aparecido a semana toda. Eu de repente o vi no final alameda em que caminhávamos. Ele vinha a cavalo, e muito rápido. Quando chegou perto do lugar onde estávamos, ele desceu do cavalo e se pôs a passear conosco. Após alguns minutos de conversa, ele ficou atrás de mim, e voltamos a conversar como nos velhos tempos. Eu comentei isso.

— Como nos velhos tempos! — exclamou ele. — Ah! Mas quanta diferença! Eu tinha algo a dizer naquele tempo? Tenho a impressão que comecei a viver há apenas dez meses. Ourika, eu nunca conseguirei lhe dizer o que sinto por ela! Às vezes creio sentir que minha alma vai se unir à dela. Quando ela me olha, eu paro de respirar. Quando ela cora, quero me curvar aos seus pés para adorá-la. Quando penso que serei o protetor desse anjo, que ela me confiará sua vida, seu destino... Ah! Sinto que o meu é glorioso! Que a farei feliz! Eu serei para ela o pai e a mãe que ela perdeu, mas também o seu marido, o seu amante! Ela me dará seu primeiro amor e abrirá seu coração para mim. Nós viveremos a mesma vida, e não quero que, enquanto estivermos juntos, ela possa dizer que tenha passado uma hora sequer de infelicidade. Que alegria, Ourika, pensar que ela será a mãe dos meus filhos, que seu seio lhes dará alimento! Ah! Eles serão meigos e belos como ela! O que eu fiz, ó Deus, para merecer tanta felicidade?

Por Deus! Nesse momento, eu dirigia aos céus uma pergunta totalmente oposta! Depois de alguns instantes, eu escutava seu falar apaixonado com um sentimento indefinível. Meu Deus, você é testemunha de que eu estava feliz pela a felicidade de Charles, mas por que dar vida à pobre Ourika? Por que ela não morreu no navio negreiro de onde ela foi tirada ou, então, no seio da sua mãe? Um pouco da areia da África teria coberto seu corpo, e esse fardo teria sido menos pesado! O que importava ao mundo se Ourika vivesse? Por que ela foi condenada à vida? Era então para viver só, para sempre só e jamais ser amada! Ó meu Deus, não permita isso! Leve consigo a pobre Ourika! Ninguém precisa dela. Ela não é só? Esse

pensamento horrível me veio à cabeça com mais força do que nunca. Eu me senti fraca, caí de joelhos, meus olhos se fecharam. Pensei que morreria.

Ao dizer essas palavras, a opressão da pobre religiosa pareceu aumentar. Sua voz se alterou, e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto abatido. Quis convencê-la a parar o relato, mas ela se recusou.

— Não é nada — disse ela. — Agora não existe mais tristeza no meu coração. Cortaram a raiz. Deus teve piedade de mim. Ele próprio me afastou desse abismo em que teria caído senão o conhecesse e amasse. Não esqueça que eu sou feliz. Mas, infelizmente — acrescentou ela —, eu não o era tempos atrás.

Até a época em que acabei de lhe contar, eu havia suportado minhas dores. Elas haviam afetado minha saúde, mas eu seguia com minha razão e uma espécie de controle sobre mim mesma. Como o verme que devora a fruta, minha tristeza começara pelo coração. Eu tinha em meu peito o germe da destruição, enquanto tudo ao meu redor estava cheio de vida. Eu gostava de conversar, me animava com as discussões. Havia conservado até mesmo uma espécie de alegria de espírito, mas perdi a do coração. Enfim, até a época que eu acabei de lhe relatar, eu era mais forte do que a minha dor. Mas, naquele momento, senti que a minha dor seria mais forte do que eu.

Charles me carregou nos braços até a casa, onde me foram dados todos os socorros e, então, voltei à consciência. Abrindo os olhos, vi a Senhora de B. ao lado de minha cama. Charles segurava minha mão. Eles mesmos haviam me cuidado, e vi em suas faces uma mistura de ansiedade e sofrimento que penetrou fundo em minha alma. Senti como se voltasse à vida, desatei a chorar. A Senhora de B. enxugava minhas lágrimas lentamente. Ela não me dizia nada, não me fazia nenhuma pergunta. Charles, pelo contrário, me encheu delas. Eu não sei o que lhe respondi. Culpei o calor e a longa caminhada pelo acidente. Ele acreditou em mim, e minha alma ficou amargurada ao vê-lo acreditar. Minhas lágrimas secaram. Eu disse a mim mesma, então, que era muito fácil enganar aqueles cujo interesse está longe. Recolhi a minha mão que ele ainda segurava e procurei parecer tranquila. Charles foi embora, como de costume, às 5h da tarde. Fiquei ressentida. Quisera que ele tivesse se preocupado comigo. Eu sofria tanto! Ele teria partido da mesma forma, eu teria o forçado. Mas eu teria dito a mim mesma que ele devia a mim a felicidade da sua noite, e esse pensamento me consolaria. Eu escondi de Charles esse sentimento. Os sentimentos delicados têm uma espécie pudor. Se eles não são descobertos, eles são incompletos. Diríamos que só se pode senti-los a dois.

Logo após que Charles partiu, a febre me atingiu violentamente. Ela aumentou nos dois dias seguintes. A Senhora de B. cuidava de mim com sua bondade habitual. Ela estava desesperada frente ao meu estado e à impossibilidade de me levar à Paris, aonde seria obrigada a ir, no dia seguinte, para o casamento de Charles. Os médicos disseram à Senhora de B. que respondiam pela minha vida se ela me deixasse em Saint-Germain. Ela se resignou e, ao partir, demonstrou um sentimento tão terno que meu coração se acalmou por um momento. Mas, após a sua partida, encontrei-me em real e completo isolamento pela primeira vez na minha vida, o que me desesperou profundamente. Eu via se tornar realidade

a situação que minha imaginação tinha tantas vezes criado. Eu morria longe de quem eu amava, e meus gemidos tristes nem mesmo alcançavam seus ouvidos. Ai de mim! Eles teriam perturbado sua alegria. Eu os via, em pleno regozijo e felicidade, longe da Ourika moribunda. Ourika só tinha a eles no mundo, mas eles não precisavam de Ourika. Ninguém precisava de Ourika! Esse sentimento horrível de ser inútil é o que despedaça mais profundamente o coração. Ele me deu um desgosto tal pela vida que eu sinceramente desejava morrer da doença que me atacara. Eu não falava, não dava quase nenhum sinal de consciência, e esse único pensamento era bem claro para mim: eu queria morrer. Em outros momentos, ficava mais agitada. Lembrava-me de todas as palavras da última conversa que havia tido com Charles na floresta. Eu o via nadando nesse mar de maravilhas que me retratou, enquanto eu morria abandonada, sozinha na vida como na morte. Esse pensamento inspirava-me uma irritação ainda mais dolorosa que a minha própria dor. Eu criava pesadelos para satisfazer esse novo sentimento. Eu via Charles chegar em Saint-Germain, e lhe dizerem: ela morreu. Pois é, o senhor acredita? Eu me regozijava da sua dor. Ela era a minha vingança. E de quê? Meu Deus! De quem havia sido meu anjo protetor? Esse sentimento horrível então me apavorou. Compreendi que, se a dor não era um erro, entregar-se a ela como eu fazia podia ser um crime. Minhas ideias tomaram assim um outro rumo. Eu tentava vencer a mim mesma, encontrar em mim força para combater os sentimentos que me invadiam. Mas eu não encontrava essa força. Fiquei envergonhada da minha ingratidão. Eu morrerei, disse a mim mesma, eu quero morrer, mas não quero deixar esses sentimentos odiosos tomarem conta de meu coração. Ourika é uma criança desfavorecida, mas ela ainda tem inocência. Eu não a deixarei se corromper pela ingratidão. Eu passarei sobre a Terra como uma sombra. Mas, no túmulo, terei paz. Ó meu Deus! Eles já são muito felizes. Pois bem, dê-lhes ainda a cota de felicidade de Ourika e deixe-a morrer como uma folha que cai no outono. Já sofri o bastante!

Eu só me curei da doença que colocou minha vida em risco para entrar em estado de prostração, sendo a tristeza a maior responsável por isso. A Senhora de B. se fixou em Saint-Germain após o casamento de Charles. Ele vinha frequentemente, acompanhado de Anaïs, jamais sem ela. Eu sofria ainda mais quando eles estavam ali. Não sei se a imagem da felicidade agravava minha própria desgraça, ou se a presença de Charles despertava a lembrança de nossa antiga amizade. Eu às vezes tentava rememorar, mas não a reconhecia mais. Ele, contudo, me dizia praticamente tudo o que me dizia antes. Mas sua amizade atual parecia a sua amizade do passado como uma flor artificial parece uma verdadeira flor: é a mesma coisa, com exceção da vida e do perfume.

Charles atribuía à degradação da minha saúde minha mudança de personalidade. Acredito que a Senhora de B. entendia melhor o meu triste estado, que adivinhava o que me atormentava secretamente e que se afligia. Mas não era mais o tempo em que eu consolava os outros. Eu tinha piedade apenas de mim mesma.

Anaïs engravidou, e retornamos a Paris. Minha tristeza aumentava a cada dia. Essa felicidade interior tão serena, esses laços familiares tão ternos! Esse amor inocente, tão doce, tão apaixonado! Que belo espetáculo para uma infeliz, condenada a passar sua triste vida

sozinha! A morrer sem ter sido amada, sem ter conhecido outras relações sem ser as de dependência e de piedade! Os dias, os meses assim se passavam. Eu não conversava mais. Havia abandonado todos os meus talentos. Se eu suportava algumas leituras, eram aquelas onde acreditava encontrar o retrato imperfeito das tristezas que tomavam conta de mim. Eu as transformava em um novo veneno, me atordoava com o meu pranto e, sozinha no meu quarto durante horas, me entregava à minha dor.

O nascimento do filho foi, para Charles, a sua maior felicidade. Ele correu para me contar e, na sua explosão de alegria, reconheci alguns traços de sua antiga confiança. Como isso me fez mal! Por Deus! Era a voz do amigo que eu não tinha mais. E, ao escutar essa voz, todas as lembranças do passado vinham novamente machucar a minha ferida.

O filho de Charles era bonito como Anaïs. A imagem dessa jovem mãe com seu filho emocionava a todos. Apenas eu, por conta da minha sina, era condenada a vê-la com amargura. Diante dessa felicidade que eu jamais conheceria, meu coração era consumido pela inveja como se servisse de alimento a um abutre. O que eu fizera para aqueles que acreditaram que me salvariam trazendo-me para esse exílio? Por que não deixavam seguir o meu caminho? Eu seria a escrava negra de algum colono rico, queimada pelo sol, cultivando uma terra que não é minha, mas eu teria minha humilde cabana onde me recolheria à noite. Eu teria um companheiro e crianças de minha cor, que me chamariam de “minha mãe”! Elas beijariam a minha testa sem nojo, apoiariam sua cabeça no meu pescoço e dormiriam em meus braços! O que fiz para ser condenada a nunca sentir esses amores, único motivo pelo qual meu coração foi feito! Ó meu Deus! Leve-me desse mundo! Sinto que não suporto mais viver.

De joelhos, em meu quarto, eu dirigia ao Criador essa oração herege quando ouvi abrirem minha porta. Era a amiga da Senhora de B., a Marquesa de ..., que acabara de chegar da Inglaterra, onde ela havia passado alguns anos. Assustada, vi-a se aproximar de mim. Seu olhar me lembrava sempre que fora ela que revelara minha sina, que me apresentara essa fonte de dores da qual tanto bebi. Desde que ela havia chegado a Paris, sentia-me mal ao vê-la.

— Vim lhe fazer uma visita e conversar com você, minha querida Ourika — disse ela. — Você sabe quanto eu gosto de você desde a sua infância, e não posso deixar de ver, com profundo pesar, a melancolia em que você se afundou. Será possível que você, com a mente brilhante que tem, não saiba tirar melhor proveito de sua situação?

— A mente, senhora, não serve senão para aumentar os verdadeiros males. Ela nos permite vê-los sob diversas formas!

— Mas quando os males são irremediáveis, não seria uma loucura recusar-se a se submeter a eles e lutar contra o que é necessário? — replicou ela. — Porque, no final das contas, nós não somos mais fortes que isso.

— É verdade, mas parece que, nesse caso, a necessidade é um mal a mais.

— No entanto, você concorda, Ourika, que a razão lhe diz para se resignar e distrair.

— Sim, senhora. Mas, para se distrair, é preciso avistar esperança em algum lugar.

— Você poderia ao menos encontrar o que lhe agrada para ocupar o seu tempo.

- Ah, senhora, isso seria um esforço e não um prazer.
- Mas você é cheia de talentos!
- Para se servir dos talentos, senhora, é necessário ter um propósito. Meus talentos seriam como a flor do poeta inglês que perdia seu perfume no deserto.
- Você está se esquecendo de seus amigos, eles ficariam muito felizes.
- Eu não tenho amigos, senhora. Tenho protetores, e isso é bem diferente!
- Ourika — disse ela —, você está se fazendo muito mal e inutilmente.
- Tudo é inútil em minha vida, senhora, até mesmo a minha dor.
- Como você pode dizer palavras tão amarguradas! Você, Ourika, que se mostrou tão devota quando ficou sozinha com a Senhora de B. durante o Terror?
- Senhora, infelizmente eu sou como aqueles gênios malvados que têm poder apenas nos tempos de calamidade, mas que a felicidade afasta.
- Diga-me o seu segredo, minha querida, abra o seu coração. Ninguém vai lhe dar tanta atenção quanto eu, e talvez eu possa lhe ajudar
- Eu não tenho nenhum segredo, senhora. Minha posição e minha cor são todo o meu mal, a senhora sabe.
- Então você é capaz de negar que guarda no fundo de seu coração um grande pesar?
- replicou ela. — Não é preciso muito para você perceber isso.

Eu continuei afirmando o que já havia lhe dito. Ela ficou impaciente, elevou a voz. Vi que uma tempestade se aproximava.

— É essa sua boa-fé — disse ela —, essa sinceridade da qual se orgulha? Ourika, tome cuidado. A discrição às vezes leva à falsidade.

— O que eu poderia confiar à senhora? Sobretudo à senhora, que há tanto tempo previu qual seria a minha sina? À senhora, mais do que ninguém, não tenho nada a dizer.

— Disso você nunca me convencerá — replicou. — Mas já que não confia em mim e que jura não ter segredo algum, bem, Ourika, me encarregarei de lhe informar que você tem sim. Sim, Ourika, todos os seus lamentos, todas as suas dores são simplesmente fruto de uma paixão não-correspondida, de uma paixão insensata. E se você não fosse perdidamente apaixonada por Charles, você se assumiria enquanto negra. Adeus, Ourika, vou-me embora. E lhe digo isso com muito menos interesse por você do que tinha quando cheguei.

Após dizer isso, ela foi embora. Eu fiquei arrasada. O que ela acabara de me revelar! Que luz ela jogou sobre as minhas dores! Ó Deus! Era como a luz que um dia penetrou no mármore do inferno e fez seus infelizes habitantes sentirem falta das trevas. Eu sentia uma paixão criminoso! Era ela que, até então, dilacerava meu coração! Esse desejo de pertencer à cadeia de seres, essa necessidade de afetos naturais, essa dor pelo meu isolamento eram lamentos de um amor digno de culpa! E quando eu acreditava invejar a imagem da felicidade, era a felicidade mesma que era objeto de meus anseios hereges! Mas o que eu fiz para que pensassem que fui arrebatada por essa paixão sem futuro? Seria impossível amar inocentemente mais que sua vida? Essa mãe que se jogou em frente ao leão para salvar seu filho, que sentimento a fez cometer tal atitude? Esses irmãos e irmãs que quiseram morrer juntos e que juntos rezaram antes de ir à forca, era um amor condenável que os unia? A

humanidade não pratica atos de devoção sublimes? Por que então não poderia, assim, amar Charles, o companheiro da minha infância, o protetor da minha juventude? No entanto, não sei que voz grita no fundo da minha cabeça, que eles têm razão, que eu sou culpada. Bom Deus! Meu coração desolado vai então se encher de remorso. É preciso que Ourika conheça todos os tipos de amargura, que ela experimente todas as dores! Isso! Minhas lágrimas serão a partir de então cheias de culpa! Eu serei proibida de pensar nele! Isso! Eu não ousarei mais sofrer!

Esses pensamentos horríveis me devastaram de tal modo que eu parecia ter morrido. Na mesma noite, a febre me atingiu, e, em menos de três dias, temiam pela minha vida. O médico disse que, se queriam que eu recebesse meus sacramentos, não tinham tempo a perder. Foram procurar meu confessor. Ele tinha morrido há poucos dias. A Senhora de B. chamou então um pároco, e ele veio e ministrou minha extrema-unção, visto que eu não tinha condição de receber o viático. Eu tinha perdido a consciência, e esperavam que eu morresse a qualquer momento. Foi sem dúvida nesse momento que Deus teve piedade de mim. Ele começou por me manter viva. Contra todas as expectativas, retomei minhas forças. Estava assim resistindo durante cerca de quinze dias. Logo em seguida, voltei à consciência. A Senhora de B. não me deixava mais. Charles parecia ter redescoberto seu antigo afeto por mim. O padre continuava a vir todos os dias, pois ele queria que eu me confessasse assim que possível. Eu mesma também queria. Eu não sei que movimento me levava a Deus e me inspirava uma necessidade de me jogar em seus braços e ali procurar sossego. O padre ouviu a confissão de meus erros. Ele não ficou nem um pouco surpreso com o estado de minha alma. Ele não era um marinheiro de primeira viagem, já conhecia essas tempestades. Ele começou por me tranquilizar a respeito dessa paixão que me acusaram ter:

— Seu coração é puro — disse-me ele —, foi a você mesma que fez mal. Mas você não é menos culpada por isso. Deus prestará contas da felicidade que havia lhe confiado. O que você fez? Essa felicidade estava em suas mãos, visto que ela está no cumprimento dos nossos deveres. Você ao menos sabia quais eram eles? Deus é o objetivo do homem. Qual foi o seu? Mas não perca a coragem. Reze, Ourika. Ele está aqui, ele lhe estenderá a mão. Não há para ele nem negros nem brancos: todos os corações são iguais aos seus olhos, e é seu o mérito de se tornar digna dele.

Foi assim que esse bom homem encorajou a pobre Ourika. Essas palavras simples trouxeram certa paz que eu nunca havia sentido. Eu as repetia incessantemente na minha mente como uma meditação. Como se fossem minas profundas, eu sempre extraía delas uma nova reflexão. Percebi que de fato não soubera meus deveres. Deus os delegou às pessoas isoladas assim como às que pertencem ao mundo. Se ele as privou dos laços de sangue, ele deu a elas como família toda a humanidade. A irmã de caridade, eu me dizia, não está sozinha na vida, mesmo que ela tenha renunciado a tudo. Ela escolheu para si uma família. Ela é a mãe de todos os órfãos, a filha de todos os pobres idosos, a irmã de todos os infelizes. Não há pessoas que, muitas vezes, procuram voluntariamente um isolamento? Elas querem estar sozinhas com Deus. Elas renunciam a todos os prazeres para amá-lo na solidão, a fonte genuína de todo bem e de toda a felicidade. Eles trabalhavam, no fundo de sua mente, para

tornar sua alma digna de se apresentar diante do Senhor. É por você, ó meu Deus, que vale a pena embelezar o coração, enfeitá-lo, como se fosse a uma festa, de todas as virtudes que lhe agradam. Misericórdia! O que eu fizera? Levada pelos movimentos involuntários de minha alma, havia corrido atrás dos prazeres da vida e, assim, negligenciado a felicidade. Mas ainda há tempo. Deus, largando-me nessa terra estrangeira, talvez tenha me predestinado a ele. Ele me livrou da barbárie, da ignorância por um milagre de sua bondade. Ele me poupou dos pecados da escravidão e me fez conhecer sua lei: essa lei mostra todos os meus deveres, me ensina meu caminho. Eu o seguirei, ó meu Deus. Eu não mais usarei suas bênçãos para ofendê-lo, não mais o acusarei pelos meus erros.

Vislumbrei-me em um novo tempo, e isso acalmou meu coração. Eu me surpreendia com a paz que chegava após tantas tempestades. A corrente que devastava as margens encontrou sua foz, e agora ela fluía tranquilamente no mar calmo.

Decidi virar religiosa. Falei à Senhora de B. Ela ficou aflita, mas me disse:

— Eu lhe fiz tanto mal querendo lhe fazer o bem que não me sinto mais no direito de me opor à sua decisão.

Charles foi mais incisivo em sua resistência. Ele me suplicou, me implorou que ficasse. Mas eu lhe disse:

— Deixe-me ir para o único lugar onde será permitido pensar constantemente em você, Charles.

Aqui a jovem religiosa terminou bruscamente sua história. Eu continuei a cuidar dela. Infelizmente, fora em vão. Ela morreu no final de outubro. Ela se foi com as últimas folhas do outono.